

Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço¹

Armen Mamigonian²

- I) Até a Revolução Industrial a humanidade conheceu ritmos climáticos nas suas atividades econômicas: os anos climáticos catastróficos seguidos provocaram fomes e epidemias e levaram a conflitos 1) entre senhores e servos da Europa medieval e possibilidades de melhor (ocidente) ou pior (oriente) divisão do excedente econômico; 2) entre camponeses e burocracia imperial na Ásia (China), com ampliação das obras públicas de barragens, canalizações, etc, ou empobrecimento generalizado.
- II) A Revolução Industrial dos fins do séc. XVIII inaugurou os ritmos industriais de várias durações, principalmente os ciclos decenais (juglarianos) e os ciclo longos, de cinquenta anos (Kondratieff), cada ciclo com fase expansiva (“a”) a fase depressiva (“b”). Marx e Engels constataram os ciclos decenais entre 1848 e 1857, que foram sistematizados estatisticamente por Juglar em 1860. Engels assinalou também a chamada “longa depressão do final do séc. XIX” e a sistematização estatística dos ciclos longos foi feita entre 1918-21 por N. Kondratieff (1926)
- III) Até hoje tanto entre marxistas como não-marxistas há resistência à aceitação dos ciclos longos, pois como assinalou Rangel, para a URSS não convinha admitir que o capitalismo em depressão poderia sair da crise e voltar a se expandir e para o ocidente não interessava admitir que após longos anos de expansão poderia advir um período depressivo na economia. A

¹ Apresentado no Encontro Internacional “Lugar, Formação Sócio-Espacial, Mundo” – ANPEGE – São Paulo-SP, em setembro de 1994.

² Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

possibilidade de administrar os ciclos decenais foi teorizada por Keynes e posto em prática nos anos 30 na Alemanha, Estados Unidos, etc. Já a administração dos ciclos Kondratieff não foi teorizada e esta omissão é uma das raízes da crise da URSS.

- IV) Como Marx assinalou, a crise decenais são basicamente de superprodução (ou subconsumo ou inter-setoriais, o que vem a dar no mesmo), enquanto as crises do ciclo longo parecem estar ligadas a tendência à queda da taxa de lucro de longo prazo, com o esgotamento do uso das invenções revolucionárias ligadas a cada revolução industrial. Note-se que cada revolução industrial tem ocorrido de dois em dois Kondratieff. (a 1ª em fins do séc. XVIII, a 2ª em fins do séc. XIX e a 3ª está por se iniciar), sob a liderança sucessivamente da Inglaterra (1º), dos EUA e Alemanha (2º) e Japão (3º), num movimento geográfico profeticamente assinalado por Hegel.
- V) Note-se que se o 1º, 3º e 5º Kondratieff se abrem como revoluções industriais, o 2º (1848-73, fase expansiva) e o 4º (1948-73, fase expansiva) se abrem como revoluções nos transportes, com aplicações de invenções já realizadas nas revoluções industriais voltadas agora a este setor de circulação e a expansão da anterior revolução industrial em novas regiões geográficas (EUA e Alemanha entre 1848-73 p. ex.).
- VI) As fases depressivas, nas quais as taxas de lucro estão baixas, correspondem a períodos de extremo desafio para a retomada da lucratividade perdida, por um esforço intenso de invenções, que se transformam em tecnologia nova, mais nova e depois novíssima, que permitem desencadear uma nova onda de investimentos maciços, sucateando o capital fixo envelhecido, por ter alcançado 1) alto grau de avanço técnico e 2) preço baixo, conseqüentemente atrativo ao papel de “destruição criadora” (Rangel e Schumpeter)
- VII) As fases depressivas são fases de expansão geográfica, expansão extensiva dos capitais até então hegemônicos no mundo, mas expansão defensiva economicamente (e ofensiva militarmente), como a chamada expansão imperialista, inglesa principalmente, na fase “b” do 2º Kondratieff (1873-1896) ou

também a expansão das multinacionais, principalmente americanas, na fase “b” do 3º Kondratieff (1920-48): GM e Ford ocupando a Europa e companhias petrolíferas ocupando o Mundo.

- VIII) As perdas de poder econômico das potências hegemônicas (Inglaterra - 1ª RI e EUA 2º RI) no final de dois Kondratieffs de dominação estão ligadas a perda de capacidade de renovação tecnológica decorrente da substituição da concorrência por domínios oligopólicos propiciadores de super-lucros: império colonial inglês com mercados cativos no século XIX e cartelização oligopólica das multinacionais americanas (p. ex. GM, Ford, Chrysler na indústria automobilística mundial)
- IX) Entre os que aceitam os ciclos longos existem duas interpretações quanto às causas: 1) no item IV assinalamos nossa preferência pela causação interna ao sistema econômico capitalista: tendência a queda da lucratividade sob capitalismo estimula invenções que restabelecem lucratividade e aplicadas sucessivamente aos diferentes setores e ramos acabam esgotando a lucratividade possível, provocando a necessidade de novas invenções; 2) Mandel, entre outros, prefere a causação extra-econômica, de preferência política: a “onda ascendente” (e não ciclo) do pós-guerra (1948-73) nasceu de “ininterrupta revolução tecnológica” decorrente da corrida armamentista, mas os satélites de telecomunicações datam de 1969...
- X) A escola da regulação (Aglieta, Boyer entre outros), indicou a necessidade de estudar regimes de acumulação, de estudar os acoplamentos produção-consumo e assinalou a ocorrência da regulação concorrencial no século XIX, com disputas acirradas dos mercados externos, substituída pela regulação fordista no século XX, com sustentação dos mercados internos (políticas keynesianas). Na verdade o taylorismo, como organização do trabalho, é parte integrante da 2ª RI e foi completado pelo fordismo. O toyotismo veio substituir o taylorismo, mas o substituto do fordismo está para ser criado após a eclosão da 3ª RI (novo acoplamento produção-consumo é necessário ao capitalismo)

- XI) Os períodos depressivos (vivemos num deles de 1973-1996) correspondem a mudanças profundas de conjunturas econômicas, políticas, sociais e espaciais. Assim a conjuntura depressiva 1920-48 provocou nova relação mundo-nações: a Inglaterra abandonou definitivamente o livre-cambismo e houve fechamento dos mercados nacionais nos EUA, Alemanha, França e na periferia do sistema capitalista (substituições de importações se aceleraram). O período depressivo atual, sem o fechamento abrupto do mercado americano, diferentemente da queda do comércio mundial dos anos 30, significa ampliação das trocas internacionais e chance para as exportações dos mais competitivos; 1) Japão e Alemanha ao centro do sistema, 2) Brasil, Coréia do Sul, Taiwan na periferia. A crise da economia americana coloca a questão: “globalização” ou projetos nacionais emergentes (Brasil, Coréia do Sul, China, etc).
- XII) Os períodos expansivos e os períodos depressivos criam situações distintas, nas relações centro-periferia, como assinalou Rangel para o Brasil, mas válidos para a periferia em geral. Os períodos depressivos desencadeados no centro (1815-48 / 1873-96 / 1920-48 / 1973-96) exigem, pelas tensões econômicas, sociais e políticas mudanças dos pactos de poder. No caso do Brasil, Independência, Abolição-República, Revolução de 30 e políticas de substituições de importações, usando capacidades deixadas ociosas pelas crises. No caso brasileiro, atualmente o epicentro da crise se localiza geograficamente nas grandes cidades (S. Paulo, R. Janeiro, etc), onde se encontram: 1) capacidade industriais instaladas sub-utilizadas, 2) nós-de-estrangulamentos nas infra-estruturas (saneamento básico, metrô, etc), 3) mão-de-obra especializada e braçal desempregada.
- XIII) A organização do espaço sob o capitalismo dependeu e depende das revoluções industriais, das revoluções nos transportes (conjunturas expansivas), mas também das reestruturações econômicas espaciais que ocorrem nos períodos depressivos. Os exemplos são inumeráveis: 1) nas cidades do mundo todo a 1ª RI correspondeu a localizações industriais junto às EF e vias de navegação, bem como a “haussmanização” do

espaço social urbano, 2) a 2ª RI correspondeu à americanização do espaço urbano, com verticalizações, “express-ways” urbanas, etc., 3) a revolução nas dimensões dos navios de carga transoceânicos de após 45 correspondeu à integração da mineração de ferro, bauxita, carvão, etc. transcontinental (Brasil, Austrália, etc.), 4) o período depressivo 1973-96 empurrou várias produções industriais para fora do centro do sistema (compressores para Singapura e Brasil) ou para novas regiões industriais dentro do centro do sistema (Sul dos EUA, península Ibéricas, etc.).

Bibliografia

- AFTATION, A. et alli. Fluctuations économiques. 2º vol. Montchrestien: Ed. Domat 1954.
- BAIROCH, P. Commerce extérieur et développement économique de L'Europe au XIX siècle. Mouton, 1976.
- BOCCARA, P. et alli. Cycles longs, mutations et crise. Issues - Economie & Politique, nº 16, 1983.
- ELLUL, J. Mudar de revolução, 1985 (1982).
- ESTEY, J. A. Ciclos econômicos. Ed. Mestre Jon, 1965 (1941).
- FLAMANT, M. & KEREL. J. S. As crises econômicas. Europa - América, 1983.
- GOLDSTEIN, J. S. Long cycles prosperity and War in Modern Age. Yale Univ. Press. 1988.
- KONDRATIEFF, N. Ondas longas da conjuntura. Madrid: Rev. de Occidente, 1946 (1926)
- LEWIS, W. A. Crecimiento y Fluctuaciones 1870-1913. FCEC, 1983.
- LORENZI, J. H. et alli. La Crise du XX Siècle. Economica, 1980.
- LUZ, N. V. A luta pela industrialização do Brasil. Alfa-Ômega, 1978.
- MAMIGONIAN, A. Introdução ao pensamento de Inácio Rangel. Geosul nº 3, 1985

- MANDEL, E. Las ondas largas del desarrollo capitalista. Madrid, siglo XXI, 1986.
- MARX, K. Lei da queda da taxa de lucro. *In: O Capital*, vol. III Livro 3 secção III, Abril, 1984.
- MAURO, F. História Econômica Mundial 1790-1970. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MITCHELL, W. C. Os ciclos econômicos e suas causas. Abril, 1984 (1927)
- NIVEAU, M. História dos fatos econômicos contemporâneos. Difusão Européia do Livro, 1969.
- RANGEL, I. História da dualidade brasileira. Rev. Ec. Pol., nº 4, 1981.
- _____. O Brasil na fase “b” do 4º Kondratieff. *In: Ciclo, Tecnologia e Crescimento*. Rio de Janeiro: Civ. Bras. 1982.
- ROSIER, B. & DOCKÈS, P. Rythmes économiques, crises et changement social. La découverte, 1983.
- SCHUMPETER, J. A. Business cycles: a theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process. Mc. Graw Hill, 1939, 2 vols.